



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARRAIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO-HABILITAÇÃO EM ARTES VISUAIS E MÚSICA**

DIANA PEREIRA DAS VIRGENS

**SABERES POPULARES PRESENTES NA TRADIÇÃO DA SUSSA NA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS**

**Arraias - TO
2023**

Diana Pereira das Virgens

**Saberes populares presentes na tradição da sussa na Comunidade Kalunga
Vão de Almas**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo na área de Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Dr. Gilberto Paulino Araújo

**Arraias - TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

V816s Virgens, Diana Pereira das.
Saberes populares presentes na tradição da sussa na
Comunidade Kalunga Vão de Almas. / Diana Pereira das Virgens. –
Arraias, TO, 2023.
49 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo,
2023.
Orientador: Gilberto Paulino Araújo

1. Cultura kalunga.. 2. Identidade. 3. Educação do Campo. 4.
(Re)existência quilombola. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diana Pereira das Virgens

**Saberes populares presentes na tradição da sussa na Comunidade Kalunga
Vão de Almas**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus Universitário Professor Dr. Sérgio Jacintho Leonor, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo. Área: Códigos e Linguagens. Habilitação: Artes Visuais e Música.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Paulino Araujo

Data de aprovação: 12 de maio de 2023.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araujo – UFT
Orientador

Profa. Dra. Roberta Rocha Ribeiro – UFG
Examinador

Prof. Me. Adão Fernandes da Cunha – SEDUC/GO
Examinador

Profa. Esp. Rachel Cosme Silva dos Santos (UFT)
Examinador

Aos meus Pais: Eva de Souza Fernandes e José Pereira das Virgens. A minha Filha: Grazielle Santos das Virgens. Ao meu Companheiro, Darcino Pereira dos Santos e aos meus irmãos que me incentivaram e me acompanharam nessa minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

O meu agradecimento é, em especial, a Deus por ter me dado a vida e força para lutar todos os dias e pela sabedoria para saber sempre superar os desafios.

Agradeço ainda a toda minha família pelo apoio especial a mim, o incentivo da minha poderosa mãe, Eva de Souza Fernandes, que sempre me deu a mão nas horas mais difíceis e até mesmo em outros momentos.

Ao meu esposo, Darcino Pereira dos Santos, que sempre me incentivou a estudar e me deu suporte em tudo para que eu não desistisse.

A minha gratidão a todos os professores e professoras dos Anos Iniciais e do Ensino Médio da Escola Municipal Vazantão, do Colégio Santo Antônio, do Colégio Estadual Elias Jorge Cheim e da Universidade Federal do Tocantins pela paciência comigo ao longo de minha formação escolar e acadêmica.

Um agradecimento especial também a todos os docentes da Universidade Federal do Tocantins - UFT, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – (LEdoC) do Câmpus de Arraias, que compartilharam os seus conhecimentos despertando em todos os discentes uma reflexão para um olhar crítico.

Agradeço ainda à professora Anaídes, de Cavalcante Goiás, responsável pelo meu processo de Estágio, que me proporcionou o prazer da observação e experiência em sala de aula.

A todas as outras pessoas que direta e indiretamente contribuíram para o sucesso dessa pesquisa.

Deixo meus sinceros agradecimentos a todos os meus colegas de graduação.

A meu Compadre Mestre Adão Fernandes da Cunha e futuro doutor, que me orientou bastante nessa jornada de Graduação, terá minha eterna consideração e respeito.

Por fim, em particular e, em especial, agradeço ao meu orientador Gilberto Paulino de Araújo pelos ensinamentos e partilhas que levarei para a vida toda.

Gratidão a todos!

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
transformam o mundo.” Paulo Freire*

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e descrever os saberes tradicionais presentes na manifestação cultural denominada sussa. Esta se encontra presente nos festejos e ritos religiosos dos Kalunga. O contexto do trabalho é a Comunidade Kalunga do Vão de Almas – GO. O interesse pela pesquisa surgiu da inquietude da pesquisadora, que é integrante da comunidade investigada, de modo a refletir sobre essa tradição como elemento da identidade quilombola e o papel das novas gerações na preservação e valorização da cultura local. A metodologia da pesquisa tem como base a etnografia, servindo-se da observação, da pesquisa de campo e da realização de entrevistas dirigida a membros da comunidade. A abordagem qualitativa conta ainda com o levantamento bibliográfico baseado em autores que se dedicaram à temática em pauta. A pesquisa nos leva a refletir sobre a relevância dos saberes populares presentes na tradição quilombola e seu papel no fortalecimento da identidade cultural do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga por meio do resgate, registro e valorização em todos os aspectos da vida social.

Palavras-chaves: Cultura kalunga. Identidade. Educação do Campo. (Re)existência quilombola.

ABSTRACT

This research aims to investigate and describe the traditional knowledge present in the cultural manifestation called sussa. This is present in the celebrations and religious rites of the Kalunga. The context of the work is the Kalunga Community of Vá de Almas - GO. The interest in the research arose from the concern of the researcher, who is a member of the investigated community, in order to reflect on this tradition as an element of quilombola identity and the role of new generations in the preservation and enhancement of local culture. The research methodology is based on ethnography, using observation, field research and conducting interviews with community members. The qualitative approach also has a bibliographical survey based on authors who have dedicated themselves to the subject in question. The research leads us to reflect on the testimony of popular knowledge present in the quilombola tradition and its role in strengthening the cultural identity of the Historic Site and Cultural Heritage Kalunga through the rescue, registration and appreciation in all aspects of social life.

Keywords: Kalunga culture. Identity. Field Education. Quilombola (re)existence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Objetivos da pesquisa	10
1.2	Memorial (Uma Preta Kalungueira)	11
2	METODOLOGIA.....	14
2.1	Pesquisa qualitativa.....	14
2.2	Pesquisa autoetnográfica.....	14
2.3	Pesquisa bibliográfica.....	15
2.4	Pesquisa de campo.....	16
2.5	Entrevistas.....	20
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
3.1	Cultura	22
3.2	Educação do Campo.....	24
3.3	Memória.....	26
3.4	Identidade.....	28
4	SABERES E FAZERES TRADICIONAIS NO CONTEXTO CULTURAL DA SUSSA.....	30
4.1	A sussa kalunga.....	30
4.2	A sussa como tradição e manifestação cultural a ser preservada.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma abordagem acerca dos saberes e fazeres presentes na tradição da Sussa na comunidade Kalunga Vão de Almas, buscando destacar a importância da inserção dos jovens ou sua participação nas tradições locais com o intuito de preservar a identidade.

O Vão de Almas é uma comunidade Kalunga originada da fuga de negros escravizados que procuraram esconderijos nos lugares mais distantes e isolados. Essa comunidade está situada no norte do Estado de Goiás na região da Chapada dos Veadeiros no município de Cavalcante. O local abriga cerca de 300 (trezentas famílias), que vivem no quilombo há mais de dois séculos.

Essa comunidade, como tantas outras, desde sua origem, é rica de diversas manifestações culturais criadas e recriadas pelos negros. Essas manifestações sustentam e caracterizam a nossa identidade, que depende do envolvimento dos jovens para ser fortalecida e ressignificadas na direção do futuro das novas gerações.

Segundo Costa (2013, p.16), “com mais de 20 comunidades nativas que preservam uma cultura remanescente dos quilombolas, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é uma das maiores riquezas culturais do município de Cavalcante”.

Há diferentes manifestações culturais no Brasil desde sua origem. Em meio a tantas manifestações, a Sussa é uma das danças características do povo negro, em especial do quilombo Kalunga. Ainda nos dias de hoje, encontra-se presente nos festejos e ritos religiosos do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Sendo assim, no Estado de Goiás, a cultura da dança da Sussa ainda está muito presente no dia a dia, simbolizando a identidade, a resistência e a tradição do povo quilombola Kalunga. A Sussa apresenta-se como um símbolo cultural representado pela dança, acompanhado de cânticos típicos, instrumentos musicais e o colorido das vestimentas.

A Sussa como parte na tradição local, ela utiliza instrumentos de percussão, tais como: viola, caixa de couro, pandeiros e bruacas (buracas). A maior parte desses instrumentos são produzidos na própria comunidade por artesãos originários dali. Na confecção, se utiliza da criatividade e de artefatos feitos de couro de animais, ceras, madeira etc.

A valorização dos saberes locais nos auxilia na preservação e no fortalecimento da tradição, da cultura, da memória e da história com a finalidade de assegurar a identidade e o direito à manifestação dos sujeitos do campo e dos povos tradicionais.

De modo geral, o interesse por essa pesquisa surgiu a partir do seguinte questionamento: os jovens da comunidade Kalunga Vão de Almas têm demonstrado interesse em participar da Sussa?

No decorrer do curso de Licenciatura em Educação do campo, tive¹ a oportunidade de refletir sobre a identidade dos povos do campo e de que forma os impactos decorrentes da globalização podem colocar em risco as tradições e os saberes ancestrais. Tudo isso me fez pensar sobre o papel da juventude em dar continuidade no movimento de valorização de nossa cultura, compreendendo a Sussa kalunga como uma manifestação ou tradição de resistência.

Desse modo, nasceu em mim a curiosidade em saber se a inserção dos jovens na dança da Sussa assegura ou não a preservação da tradição local, tendo em vista que essa manifestação carrega em si grande significado para nossa identidade kalunga.

Nesse contexto, a pesquisa busca também contribuir com as discussões em âmbito acadêmico, tendo em vista que o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Artes Visuais e Música assume a perspectiva do fortalecimento político em relação à ampliação dos espaços de inclusão, valorização e reconhecimento dos saberes dos sujeitos do campo.

Compreendemos que a Sussa integra os valores culturais e o modo de vida kalunga, assim como a permanente interação com a natureza, a produção dos alimentos e outros elementos que propiciam o sustento (moradia, as plantas medicinais, a religiosidade etc.). Por isso devemos pensar como tais saberes têm sido transmitidos de geração para geração, o vínculo que possuem as novas gerações com a coletividade e o olhar para as manifestações e tradições da comunidade.

1.1 Objetivos da Pesquisa

¹ O uso da primeira pessoa no trabalho justifica-se pelo envolvimento da pesquisadora como membro da comunidade quilombola investigada e sua participação na manifestação cultural da Sussa.

a) Objetivo geral: Investigar e descrever como tem ocorrido a troca de saberes da tradição kalunga relativa à Sussa, tendo como foco a preocupação dos mais velhos em transmitir os conhecimentos aos jovens da Comunidade Vão de Almas nessa manifestação cultural.

b) Objetivos específicos:

- Descrever as características da manifestação cultural da sussa presente na comunidade do Vão de Almas, em especial, os momentos em que ela acontece.
- Descrever quais os instrumentos musicais utilizados na sussa, os versos cantados em algumas músicas da comunidade, os quem são participantes dessa manifestação cultural.
- Observar se existe desmotivação ou distanciamento dos jovens em relação à manifestação cultural da sussa.

Desse modo, o primeiro tópico trata dos procedimentos metodológicos desse estudo, detalhando a investigação de cunho qualitativo, bibliográfico e a pesquisa de campo.

Na segunda parte, apresentamos a fundamentação teórica com base em estudos voltados à cultura, memória e identidade dos povos do campo.

O último tópico faz a análise dos dados gerados a partir das observações e entrevistas realizadas no trabalho de campo, tendo como foco o olhar dos anciãos e das anciãs da tradição da sussa.

Por fim, apresentamos as considerações finais acerca do que se discutiu nesta investigação.

1.2 Memorial (uma Preta Kalungueira)

Deixo aqui uma reflexão do meu cotidiano, onde ser uma mulher preta Kalungueira é carregar consigo a força da identidade, viver em interação com a natureza, em vãos de serra traçadas por rios, matas e cerrado. Mas viver em meio a uma sociedade opressora que diz que uma preta tem sorte de ter uma bolsa permanência porque é quilombola privilegiado.

Digo isso porque, é algo que carrego comigo. Uma mulher preta Kalungueira que ouve: “Por que não arruma seu cabelo? Por que você não se arruma mais? Por que você não usa um estilo de roupa que está na moda? Como você faz pra seu cabelo ficar assim?” Ou um comentário: “Vou cortar meu cabelo pra ver se ele fica com cachos “Afros” porque está na moda”.

Com isso, faço um questionamento: Uma mulher preta só é arrumada se estiver (na moda) do jeito que a sociedade impõe? Ou precisa mudar o seu jeito de ser?

Uma mulher preta pode ser como ela decidir ser, porque carregar sua identidade é o maior privilégio que a humanidade tem.

Muitas vezes, em momento que estive ministrando uma oficina de Sussa, ou dançando por diversos espaços, já ouvi comentário do tipo: “Você me recomenda a costureira dessa roupa de Sussa? Está na moda... Oi? Moda? A roupa que uso na apresentação de uma tradição não é modinha, meu cabelo não é modinha, mas sim, é símbolo de resistência. Porque a moda muda com o decorrer do tempo, o meu cabelo não muda e as roupas da minha tradição nunca se perderão os traços com o passar do tempo.

A minha luta diária é o meu reflexo perante uma sociedade que não respeita o modo de ser de um povo tradicional.

Pois desde muito cedo aprendi que a vida de um quilombola seria lutar por direitos a igualdades.

Desde muito cedo, ainda criança, aprendi a dançar e cantar a Sussa com meu avô Marciano Pereira das Virgens, que hoje já não está entre nós, mas me ensinou a gostar da tradição por meio da Folia de Santo Reis, uma tradição da comunidade. Assim, aprendi que há a necessidade de se preocupar em aprender sobre as manifestações culturais de onde vivemos, pois não teremos nossos parentes mais velhos sempre ali para nos repassar os saberes e fazeres.

Comecei a estudar aos sete anos de idade, andava seis quilômetros ao dia para ir e vir da escola mais próxima da minha casa. Aos 11 anos tive que mudar de escola, porque a mais próxima era somente até o quinto ano, primeira fase do ensino fundamental. Então para dar continuidade aos meus estudos prossegui com a caminhada diária de 14 quilômetros ao dia para poder estudar em outra escola. Nessa época, ainda não havia estrada de carro na minha comunidade, eu nunca

tinha visto um carro na minha vida. O único meio de transporte era as pernas e os animais.

Estudei dois anos na escola Santo Antônio, no ano de 2003 e 2004 a segunda escola mencionada acima, a distância percorrida como já mencionei era quatorze quilômetros de distância. Então, como era um local muito longe para frequentar a escola todos os dias e estudar, meus pais decidiram me mandar para a cidade aos 13 anos de idade, visando à melhoria nas condições de acesso à educação escolar. Não foi uma boa ideia, mas eu não tinha escola nem podia opinar em algo diferente a não a não ser concordar, já que na minha comunidade ficou impossível para mim a continuidade dos estudos.

Para que eu pudesse continuar a estudar, tive que trabalhar como doméstica e estudar ao mesmo tempo, isso tudo com apenas 13 anos de idade. As pessoas com quem tive a infelicidade de morar na cidade para estudar, me exploravam ao limite, me acordava meia noite para fazer algo doméstico, não me deixava fazer minhas tarefas escolares em casa, sem contar com os preconceitos e racismos que eu sofria na escola da cidade, por ser preta, cabelo crespo, pele ressecada e pobre. Foi esse desprazer até completar meus 17 anos de idade, e conseguir um emprego com pessoas diferentes e consegui concluir. Foi uma das minhas melhores conquistas na vida, a terminalidade do ensino básico.

Nesse intervalo me casei aos 19 anos de idade, tive minha filha e decidi fazer uma graduação, para garantir um futuro diferente para ela e ao mesmo tempo buscando o meu futuro diferente.

Então ouvi falar do Curso de Educação do Campo, gostei da proposta, pois ao mesmo tempo em que eu poderia estudar, eu conseguiria ficar em casa no momento de alternância do curso e cuidar da minha família que agora já crescia com a chegada da minha filha Grazielle. Fiz o vestibular no ano de 2017, fui aprovada, chorei de felicidade e fui para a tão sonhada faculdade. Conheci professores maravilhosos e colegas também. Durante o curso na universidade, fiz cursos técnicos, me tornei uma condutora de Visitantes em Cavalcante Goiás, uma cidade turística. Amo trabalhar com pessoas diferentes todos os dias.

Percebi que muitas vezes, é preciso o desafio para que possamos valorizar nossas conquistas. Pois nada na vida vem fácil. Mesmo em meio à tanto tormento que vivi, hoje sei valorizar tudo que conquistei até aqui. Sou uma mulher em formação, sou fruto do que vivi e construí, sou uma mulher Kalungueira.

2 METODOLOGIA

2.1 Pesquisa qualitativa

O presente estudo baseia-se na pesquisa qualitativa, tendo em vista que a organização e a sistematização do trabalho levaram em conta as impressões, o contato e as vivências da pesquisadora no ambiente investigado. Além disso, possui caráter etnográfico, uma vez que a autora integra a comunidade pesquisada e mantém contato direto com a realidade e os colaboradores da investigação.

“A pesquisa qualitativa responde as questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. (MINAYO, 2002. p. 21).

O foco da pesquisa é a tradição da sussa, uma manifestação cultural dos Kalunga presente nos festejos, nos ritos religiosos e outros momentos de encontro da comunidade. Esse é outro elemento que justifica a escolha da pesquisa qualitativa, pois esta “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (MINAYO, 2001, p. 21).

O contexto investigado levou em consideração o contato direto com membros da comunidade buscando inserir pessoas mais velhas, sobretudo alguns jovens e sua relação com a sussa.

2.2 Pesquisa autoetnográfica

No processo de construção ou desenvolvimento dessa pesquisa, além da observação e da descrição de minha realidade/da comunidade da qual faço parte, acabei naturalmente refletindo sobre o meu processo de formação como educadora do campo, como mulher quilombola Kalunga, entre outros tantos papéis sociais que me constituem.

Diante disso, esta pesquisa possui caráter autoetnográfico, tendo em vista a descrição da cultura e da vivência que me possibilitaram descrever e investigar o meu próprio convívio, por meio de entrevistas, diálogos, registros etc., os quais permitiram ampliar a visão acerca da minha própria história.

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”)². Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 218).

Outro elemento da autoetnografia diz respeito à tradição da Sussa, da qual participo desde criança nas manifestações culturais dos Kalunga. Ao longo de minha trajetória de vida, sempre observei que a tradição vem se passando de geração a geração por meio da oralidade. Desde a minha infância, os mais velhos da comunidade demonstram a preocupação em mostrar a importância do aprender e repassar os saberes e fazeres acumulados em vida. Assim, desde muito cedo, ou seja, ainda criança, já conhecia a Sussa, onde aprendi a dançar e a cantar com meu avô. Um momento de transmissão de saber de um ancião que gostava da tradição e carregava como uma das manifestações presentes na comunidade.

A Sussa sempre esteve presente em meu cotidiano/convívio, por isso o interesse em aprender a dançar, a tocar e a falar sobre a história dessa tradição com meus antepassados é um traço importante da minha identidade Kalunga.

Essa aproximação me envolve como pesquisadora que convive com a realidade da minha localidade, com as narrativas e simbologias presentes no contexto histórico. Assim, a pesquisa autoetnográfica me permitiu refletir sobre os aspectos culturais da minha própria realidade/comunidade.

2.3 Pesquisa bibliográfica

“A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Vale ressaltar que foi realizado o levantamento de autores que tratam da temática relativa à educação do campo, de modo mais específico os saberes e as tradições dos povos tradicionais – quilombolas. Buscamos inserir principalmente os estudos realizados por pesquisadores kalunga (egressos da educação do campo e de programas de pós-graduação de universidades federais que atuam em nosso território).

A partir desse contexto, Severino (2007, p. 123) afirma que, na pesquisa bibliográfica, “o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

É a pesquisa feita por meio da leitura e do fichamento de livros, artigos, documentos, revistas, etc. Trata-se de um levantamento para subsidiar a teoria e análise, colocando o pesquisador em contato com todo o referencial selecionado a partir do assunto ou tema estudado. Este material também auxilia na estruturação da pesquisa de campo, pois indica caminhos já percorridos por outros autores.

A pesquisa bibliográfica auxilia nas primeiras leituras que o pesquisador buscará para embasar a estrutura de seu trabalho. Os principais meios e instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados ou mencionados.

Desse modo, Severino (2007, p. 123) destaca que a pesquisa bibliográfica “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados.” (SEVERINO, 2007, p.123).

2.4 Pesquisa de Campo

Conforme ressaltado, a realização dessa pesquisa ocorreu dentro da comunidade Kalunga do Vão de Almas por meio do contato direto da pesquisadora com o contexto onde se deu a pesquisa.

Com isso “[...] o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor realização da pesquisa proposta.” (CRUZ NETO, 2001, p. 52).

Para isso, foi adotado o procedimento metodológico denominado pesquisa de campo.

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. (SEVERINO, 2007, p.123).

A fim de descrever a experiência vivida nesse processo de investigação foram feitas durante a inserção no campo de pesquisa, observações, anotações, registros fotográficos etc.

O trabalho de campo, em síntese, é fruto de um momento relacional e prático: as inquietações que nos levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo cotidiano. O que atrai na produção do conhecimento é a existência do desconhecido, é o sentido da novidade e o confronto com o que nos é estranho. Essa produção por sua vez, requer sucessivas aproximações em direção ao que se quer conhecer. (CRUZ NETO, 2002. p. 64).

Adiante, temos uma breve contextualização do território investigado. Assim, “concebemos campo de pesquisa como o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação.” (MINAYO, 1992 apud CRUZ NETO, 2002, p. 53).

A Comunidade do Vão de Almas pertence ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, localizada na região à margem da Chapada dos Veadeiros, a cerca de 70 quilômetros do município de Cavalcante – Goiás. O local é repleto de serras, rios e de cerrado preservado.

O atual Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga ocupa uma área de 253,2 mil hectares de terra. A comunidade Kalunga está localizada no nordeste do estado de Goiás, há cerca de 600 km de Goiânia e 400 km de Brasília. A região é conhecida como Vãos 58 da Serra Geral, no Vale do rio Paranã e seus afluentes, às bordas da Chapada dos Veadeiros nos Municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. Essa região é dividida em serras e morros: Serra do Mendes, do Mocambo, Morro da Mangabeira, Serra do Bom Jardim, da Areia, de São Pedro, do Moleque, Boa Vista, Contenda, Bom Despacho, Serra do Maquine e Serra da Ursa. A comunidade Kalunga está dividida em quatro núcleos principais: o Vão do Moleque, o Vão das Almas, o antigo Ribeirão dos Negros, rebatizado de Ribeirão dos Bois e Engenho II, esse último o mais urbanizado, mais próximo da zona urbana e de fácil acesso. (MARINHO, 2008, p. 110).

Essas características geográficas fizeram com que os Kalunga ficassem, em alguma medida, isolados por vários anos. Nas últimas décadas, buscando melhorias para o seu território, os quilombolas têm lutado por seus direitos, incluindo melhores condições das estradas, construção de escolas, acesso à saúde entre outras políticas públicas dentro do município e território kalunga.

De acordo com Estatuto do Regimento Interno da Associação Quilombo Kalunga de 2019, no Capítulo III, hoje “o território identificado Quilombo Kalunga possui uma área de 261.999 hectares, 69 ares e 80 centiares, localizados nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás a Monte Alegre de Goiás”. (ASSOCIAÇÃO DO QUILOMBO KALUNGA, 2019, p.14).

A Associação Quilombo Kalunga (AQK) é uma Associação com o objetivo de promover a defesa dos interesses de todas as famílias que moram e são remanescentes e descendentes do quilombo Kalunga, de Cavalcante Goiás, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, representando todo nosso território em todas as instâncias legais, fazendo reuniões e assembleias para decisões das comunidades e mantendo todos informados.

Imagem 1 - Vista da Serra Pouso do Padre para a Comunidade



Fonte: registro da pesquisadora(2023).

Vale ressaltar que em meio a tantas dificuldades enfrentadas nos vãos de serras, o povo kalunga buscou a sobrevivência por meio do desenvolvimento e do descobrimento de técnicas de trabalho e de luta que resultou em aprendizagens e que ao longo dos tempos vem sendo repassada de geração a geração, conduzida pelos mais velhos.

Desse modo, a comunidade carrega consigo uma cultura refletida pela vivência no território, ou seja, fruto da experiência no meio natural: o plantio, a

colheita, as construções das casas, as tradições, tudo que tem assegurado o modo de ser kalunga.

Os saberes e fazeres tradicionais, as manifestações religiosas e festividades, as músicas e danças, a exemplo da sussa, são carregadas de significados próprios, isto é, elementos que constituem a identidade kalunga.

Imagem 2: Morro do Moleque



Fonte: André Dib(2018).

De acordo com o livro “Uma História do Povo Kalunga” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC, 2001), o povo kalunga aprendeu a lutar para superar as dificuldades encontradas dentro da comunidade, pois no início da formação do povoado as condições de deslocamento e de subsistência exigiam bastante dos moradores da região.

Ainda assim, os Kalunga não deixam de lado as diversões, celebrando os santos dos festejos religiosos, agradecendo em todo período de chuva, de plantação e de colheita, sem deixar de lado suas tradições, a exemplo da sussa.

Os festejos e as tradições demonstram diversos saberes, fazeres e manifestações culturais presentes no território, se tornando um dos importantes veículos de divulgação da cultura kalunga.

De certa forma, no decorrer do ano pode se observar que as famílias vão se organizando para encontrar um parente no local do festejo, reunir-se com aqueles

que moram nas outras comunidades e encontrar os que têm vivido em outras localidades, a exemplo de Brasília e Goiânia.

2.5 Entrevistas

A entrevista é o momento em que o pesquisador relaciona os conhecimentos dos indivíduos com o diálogo e a pesquisa bibliográfica. Nesse momento, há o registro dos saberes e fazeres por meio da interação com os participantes, a fim de levantar e descrever o resultado do que despertou o interesse pelo estudo.

A entrevista é o momento de vínculo entre o pesquisador e o entrevistado, sendo esse procedimento metodológico um dos elementos responsáveis pela geração dos dados da pesquisa.

Esta constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. A de caráter exploratório é relativamente estruturada; já a de coleta de informações é altamente estruturada. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

A análise de dados é estruturada por meio da compreensão do pesquisador a partir do olhar das pessoas entrevistadas. O pesquisador deve ficar atento para dirigir o diálogo e a discussão para o assunto que interessa à pesquisa. Para isso, pode dialogar sob um assunto ou ir além das questões que haviam sido escolhidas no roteiro do trabalho, tendo em vista obter um melhor resultado. O importante é que o entrevistado participe de maneira espontânea, destacando seus conhecimentos sobre o tema abordado.

Vale destacar que a entrevista é o contato direto entre o pesquisador e o indivíduo entrevistado para dialogar sobre o tema de pesquisa definido.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.195).

Na entrevista, a participação dos colaboradores apresenta as características da coletividade, o papel social, os conhecimentos presentes na localidade, tudo isso por meio do diálogo.

“A entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.195).

Para realização desse estudo, os entrevistados escolhidos foram moradores da comunidade do Vão de Almas, os quais possuem conhecimentos acerca da tradição da sussa. A pesquisa contou com a participação de sete colaboradores com idades diferentes: quatro mulheres, sendo as mais velhas com seus 74 anos e 56 anos de idade, as mais jovens de 26 e 23 anos; os homens são um de 56 e outro de 57 anos de idade. Entre esses, apenas três se identificaram, uma mulher e dois homens.

Com intuito de preservar a identidade dos colaboradores, utilizamos letras do alfabeto em maiúsculo (A, B, C e D) para se referir aos participantes, que por motivos pessoais preferiram não ser identificados na entrevista. Para os demais aqueles que identificaram e que são considerados pela comunidade como mestres e mestras (anciãos e anciãs) do conhecimento em relação à tradição da sussa, utilizaremos os nomes próprios dos participantes.

Com a finalidade de gerar os dados relativos aos saberes e fazeres sobre a tradição da sussa, e como procedimento metodológico da pesquisa qualitativa e etnográfica, algumas perguntas semiestruturadas, norteadoras foram dirigidas aos colaboradores são elas:

- 1) O que é sussa?
- 2) Com quem aprendeu a dançar e tocar a sussa?
- 3) Em quais momentos a sussa acontece dentro da comunidade?
- 4) O que significa os versos da sussa?
- 5) Qual a importância da dança para os jovens da comunidade?

Os dados das entrevistas foram coletados pela pesquisadora por meio de gravador de celular e reproduzidas por escrito de forma original, respeitando-se a fala dos entrevistados nessa pesquisa. Os colaboradores dialogaram abertamente e de forma espontânea, contribuindo com a realização da pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Cultura

Nesse tópico, descrevemos a fundamentação dessa pesquisa, tendo como base os autores que abordam os saberes, a cultura e a tradição dos povos do campo e, de modo específico, as vivências dos Kalunga.

Compreendemos que o respeito e a valorização das tradições e saberes dos povos do campo ou das comunidades tradicionais integram os conteúdos e as pautas da educação do campo enquanto movimento social e área do conhecimento.

[...] o campesinato confirma e exige tomar o tratamento da cultura em sua pluralidade; trata-se, portanto, de culturas do modo de ser de cada sociedade, nas quais se supera a pretensão de que haja “a cultura” e, fora dela, a “não cultura”, como, na particularidade no campo, tem-se as culturas camponesas. (TARDIN, 2012, p. 179).

O modo de vida dos povos do campo é constituído pela convivência com a natureza e pela troca de saberes e fazeres dos membros da comunidade, ou seja, passados de geração a geração, tornando-se um bem maior para a coletividade.

De acordo com Gonçalves (2010), na antropologia o homem adquire hábitos que estão relacionados aos costumes, conhecimentos e crenças, que se passa de um ser para o outro. A cultura nasce da identidade cultural de cada povo com o decorrer dos anos, passando de geração a geração, com o propósito de preservar costumes, crenças e hábitos.

Nessa mesma direção, podemos dizer que “cultura é toda criação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva ao estabelecimento de modos de vida”. (TARDIN, 2012, p. 180).

A permanência da cultura em cada região depende do cultivo e da importância dada a ela a cada ser humano que busca entender sua cultura, aprendendo no dia a dia com as práticas e costumes da sua localidade

Segundo Costa (2013, p.11) “os lugares em que os negros fugitivos se instalavam, geralmente eram fundo de vale, serras e morros. Os quilombos

significam resistência para negros africanos, pois na cultura africana quilombo é caracterizado como lugar cercado e fortificado”.

Como resultado desse processo de resistência e construção cultural, temos o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, sendo a comunidade Vão de Almas uma das que integra esse território quilombola.

Calunga ou Kalunga é o nome atribuído aos descendentes de escravos [escravizados] fugidos e libertos das minas de ouro do Brasil central que formaram comunidades auto-suficientes e que viveram a mais de trezentos anos isolados em regiões remotas, de difícil acesso, próximas à Chapada dos Veadeiros. Nas comunidades, nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. (COSTA, 2013, p. 28 – grifo nosso).

Embora hoje o uso da palavra *Kalunga* ou *Calunga* seja bem aceito pela comunidade, este nome já foi carregado de um sentido pejorativo, principalmente às pessoas de fora da comunidade ao se referir aos sujeitos do quilombo.

Este era apenas outro modo de dizer negros. E como os colonizadores portugueses consideravam todos os negros inferiores, é fácil entender por que a palavra calunga, nome que eles davam aos negros, passou a querer dizer também coisa pequena e insignificante, como o camundongo catita do Nordeste. (MEC, 2001. p. 31).

Dentre os muitos significados atribuídos ao longo do processo histórico de formação do quilombo, o uso da palavra Kalunga (mais empregado com “K”) entre os membros da comunidade local faz referência a uma planta (*Simaba ferruginea*), que nasce a beira dos rios da comunidade, ganhando o sentido de um povo ilustre e importante.

Por isso, naquele território, a presença de uma plantinha que chamam de calunga torna sagrada a terra onde ela cresce. Uma humilde plantinha que cresce numa terra que nunca seca e por isso é boa para plantar o alimento que sustenta a vida. Por isso também as terras onde a calunga cresce não podem ser de uma só família. São de todas, porque são elas que acodem a todos nos momentos de precisão. Uma humilde plantinha que faz lembrar a necessidade da união e da solidariedade de todos. Ela é a marca da realeza africana sustentada pela força dos ancestrais. Por isso ela é símbolo da dignidade do negro e da grandeza do povo Kalunga. (MEC, 2001, p. 32).

Ao considerarmos o significado que é símbolo de dignidade isso fortalece o respeito, a valorização ao território kalunga, como local sagrado, de proteção e sustento para a população. Assim, as manifestações culturais também se tornam símbolo de proteção da identidade quilombola.

Essas manifestações culturais estão presentes nas rezas, nas folias, nas festas, e isso inclui a sussa, que se caracteriza pela integração da música, com os versos e a própria dança.

3.2 Educação do Campo

A educação do campo é uma demanda que nasceu dos movimentos camponeses, na luta pela construção de uma política educacional para que todos os povos do campo tivessem direito a ser educados no lugar onde vivem e com os seus conhecimentos tradicionais respeitados.

A luta por uma educação de qualidade foi organizada pelos movimentos sociais do campo, em especial, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Há uma preocupação em adotar concepções e práticas de educação engajados na luta por melhores condições de vida no campo e, principalmente, voltadas à formação humana, valorizando a cultura e os saberes tradicionais.

O MST é pioneiro nessa luta e é também um dos principais movimentos organizados no Brasil que buscaram estratégias para enfrentar os desafios diários, a ausência de políticas públicas dos vários governos em relação aos territórios rurais do país. Por meio da realização de seminários, reuniões, manifestos nas ruas, socialização de experiências práticas surgiu uma proposta de educação que contemplasse a vida dos sujeitos do e no campo.

Com isso, vale ressaltar que é de grande importância “o movimento por uma educação do campo vincula a luta por educação com o conjunto das lutas pela transformação das condições sociais de vida no campo”. (CALDART et al., 2002. p. 21).

A educação é uma das principais estratégias para se desenvolver e promover a melhoria da sociedade brasileira, mas é preciso considerar uma educação que esteja integrada à realidade ou características dos povos do campo.

A respeito, o pronunciamento das entidades presentes no Seminário Nacional de Educação Rural e Desenvolvimento Local Sustentável foi no sentido de se considerar o campo como espaço heterogêneo, destacando a diversidade econômica, em função do engajamento das famílias em atividades agrícolas e não-agrícolas (pluriatividade), a presença de fecundos movimentos sociais, a multiculturalidade, as demandas por educação básica e a dinâmica que se estabelece no campo a partir da

convivência com os meios de comunicação e a cultura letrada. CALDART et al., 2002. p. 33).

Conforme exposto, uma educação que considere a identidade dos povos do campo, baseada nos seus saberes e na sua cultura. Uma educação construída pelos sujeitos e para os sujeitos e que nela haja um currículo, não só um currículo exige um calendário, uma Pedagogia formação de educadores, materiais didáticos, alimentação orgânica, et. Onde incorpore a diversidade e as especificidades étnicas.

De certa forma, vivemos em uma época e em um processo de adaptação às novas condições de vida e de educação, por isso mesmo, se pensarmos em um mundo desenvolvido e sustentável, é preciso seguir os passos da natureza como propõe a ecolinguística. E neste sentido deve-se considerar a questão da linguagem das tradições também enfatizada nesse contexto, porque de fato é ela que nos direcionam para a realidade do mundo. Tudo o que foi dito, quer dizer que o conhecimento reflete o meio, daí a importância da luta por uma educação inclusiva, onde estejam presentes as cosmologias das tradições. (CUNHA, 2018, p. 101).

Sendo assim, não podemos deixar de destacar a importância da luta dos movimentos sociais na educação dos povos do campo, sendo que a luta por políticas públicas se faz necessária para que o Estado garanta os direitos e a igualdade das classes sociais.

Dado ao campo um espaço livre e de resistência onde todos os trabalhadores e trabalhadoras rurais lutam pela vida, é também um espaço de história, memória, cultura e identidade onde a luta por melhores condições de vida, direito à terra e por educação pública de qualidade vem se fortalecendo nas últimas décadas.

Nesse contexto compreendemos que as lutas em torno da educação do campo no campo e para o campo tiveram significados, principalmente porque os movimentos sociais dos trabalhadores e trabalhadoras rurais têm lutado de maneira incansável, ocupando e resistindo dentro dos espaços da sociedade e do poder público. (CALDART, 2012).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 é um exemplo dessas lutas. Ela confirma os direitos à diferença na educação em seus diferentes espaços do campo. Por meio dela, foi pensada a pedagogia humanizadora que inclui a alfabetização dos jovens e adultos, através de uma educação que tenha total vínculo e compromisso com a realidade dos camponeses, assentados, ribeirinhos, pescadores, caiçaras, extrativistas, quilombolas, indígenas entre outros. (CALDART et al., 2002).

Nesse sentido, o objetivo da luta pela educação do campo é ainda ampliar os conhecimentos dos sujeitos para que eles possam valorizar os conhecimentos teóricos e práticos, bem como os científicos e os tradicionais com perspectivas de ampliá-los, fazendo com que a cidade e o campo tenham as mesmas valorizações, direitos, deveres e oportunidades de ajudar a construir uma proposta de mundo melhor.

A educação é um vetor estratégico para o desenvolvimento territorial sustentável, é uma força que mobiliza e articula a população trabalhadora na luta pela transformação nas políticas sociais. (CALDART, 2012).

Observamos que os sujeitos do campo são pessoas que ao longo do seu processo histórico lutam por igualdade. Esses povos camponeses vivem uma rotina diária de trabalho e resistência, plantando e colhendo o seu próprio sustento para a sua subsistência, protegendo seu território de maneira ao uso sustentável dos recursos naturais etc.

É nesse contexto que emergiu o uso dos termos “povos e comunidades tradicionais” para nomear, identificar e classificar uma diversidade de culturas e modos de vida de um conjunto de grupos sociais que, historicamente, têm ocupado áreas agora destinadas à preservação e à conservação ambiental. (CRUZ, 2012, p. 596).

Nesse contexto, observa-se que a cultura e a educação juntas se tornam pontos principais de socialização, que pode modificar o pensar do sujeito camponês no processo da aprendizagem sem desvalorizar os saberes construídos e transmitidos em seu território.

Assim, inúmeras são as contribuições dos movimentos sociais e de outros educadores que defendem uma proposta de educação do campo. Esses intelectuais defendem que a educação precisa superar a dicotomia entre campo e cidade, uma educação que afirme a formação humana aberta para o mundo em que os sujeitos sejam eles mesmos protagonistas de suas histórias. Isso quer dizer lutar pelos direitos iguais, pela democratização da educação e da vida.

3.3 Memória

Os Kalunga carregam consigo a memória coletiva de acontecimentos, histórias vividas, representações e saberes do passado, com o intuito de fortalecer

e reforçar sentimentos e conhecimentos da antiguidade. Mesmo diante da interação social com outros grupos ou espaços (a exemplo do urbano), ainda se percebe que o território kalunga mantém suas raízes e sentimento de pertencimento que tem sido passado de geração a geração.

Vale ressaltar que, quando tratamos da memória de um povo, estamos abordando a preservação daquilo ou de algo que merece ser lembrado, valorizado, ou seja, que não seja apagado. Por isso a memória é um elemento importante dessa pesquisa, pois buscamos refletir sobre o fortalecimento dos saberes e fazeres em relação ao conhecimento da sussa.

A memória se coloca assim como uma construção – tal como já se compreende desde há muito a Historiografia e dar a perceber como essas duas construções podem interagir uma sobre a outra se constitui certamente em um dos desafios da historiografia do presente. É importante lembrar ainda como um dos desenvolvimentos recentes da reflexão sobre a Memória a noção de que está se refere não apenas ao passado e ao presente, mas também ao futuro. (BARROS, 2009. p.36).

Compreendemos então a memória como a preservação dos costumes e tradições, mas com a sua atualização, como algo dinâmico, que tem sofrido as mudanças ao longo do tempo, mas sem perder de vista os saberes e fazeres que têm sido passados de geração a geração. Nesse sentido, a memória está presente nas vivências dos kalunga, na valorização das lembranças que carregam os mais velhos (anciãos e anciãs) da comunidade.

Desde já, algumas questões fundamentais merecem ser colocadas para uma maior compreensão acerca da Memória Social e de suas formas de interação com a História. Entre elas, e de modo a superar a inadmissível avaliação da memória como mero depósito de dados e de informações relativas à coletividade ou à vida individual, devemos pensar na memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e como isto assegura a permanência de grupos. (BARROS, 2009, p.37).

Observamos então que, a memória contribui na preservação e no fortalecimento de uma tradição, podendo emitir do passado fatos e contextos capazes de assegurar os saberes da comunidade.

Memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as

lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante. (BARROS, 2009, p.37).

Nesse sentido, a memória é uma constante interação entre a experiência vivida, um saber e fazer aprendido que se reflete no desenvolvimento e ampliação da participação coletiva. Entendemos que os Kalunga mais velhos carregam consigo a tradição da sussa presente em sua memória. Cabe aos mais jovens manter a preocupação de cuidar de tradição, mantê-la com parte integrante de suas raízes e identidade.

3.4 Identidade

A identidade kalunga, ainda nos dias de hoje, é percebida por meio do contexto histórico relacionado ao período da escravidão e da formação dos quilombos no Brasil. Essa afirmação como comunidade quilombola para além do período da escravidão, mas relacionada riqueza natural e cultural que possui a comunidade tem sido reforçada a partir do reconhecimento do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS, decreta e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - Constitui patrimônio cultural e sítio de valor histórico a área de terras situadas nos vãos das Serras do Moleque, de Almas, da Contenda-Calunga e Córrego Ribeirão dos Bois, nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, no Estado de Goiás, conforme estabelecem o § 5º do art. 216 da Constituição Federal e o art. 163, itens I e IV, § 2º da Constituição do Estado de Goiás. (GOIÁS, LEI Nº 11.409, DE 21 DE JANEIRO DE 1991).

Podemos dizer que a identidade integra a vida em sociedade, que cada grupo social e indivíduo possuem características que as distinguem de outros, mas que ainda assim, não existe uma identidade já pronta ou fixa podendo esta ser modificada, porque a identidade está em processo de construção, já que vivemos em contextos sociais e culturais que se inter-relacionam constantemente.

Segundo Oliveira (2015, p. 20), “o que ocorre é a desarticulação das identidades estáveis do passado, abrindo também possibilidades novas de articulações, como a criação de novas identidades, novos sujeitos [...]”.

Vale ressaltar que a própria história das pessoas pode definir sua identidade, deixando claro que são produzidas em momentos particulares com o decorrer do

tempo, pois somos seres humanos, mas somos diferentes devido ao contexto histórico e cultural onde estamos inseridos.

É preciso apreender que as construções de identidade são marcadas por especificidades e, desse modo, é necessário compreendê-las no interior de sua forma de produção: seja em locais históricos e institucionais definidos, seja em formações e práticas discursivas próprias, ou ainda, em estratégias particulares. (OLVEIRA, 2015, p. 19).

Podemos afirmar que as roças e os modos de produção dos alimentos, as construções das casas, as festividades, os ritos religiosos, entre outras manifestações, constituem a identidade kalunga.

A partir do momento em que nós, os Kalunga passamos nos identificar como remanescentes de quilombo, ampliar, nesse momento uma forte identidade kalunga, pois assumimos nossa própria cultura, nos baseando-se em nossa trajetória histórica, na ancestralidade negra, na luta contra a opressão histórica.

4 SABERES E FAZERES TRADICIONAIS NO CONTEXTO CULTURAL DA SUSSA

4.1 A sussa kalunga

A sussa é uma manifestação cultural, uma dança, acompanhada por cânticos ao toque de instrumentos musicais, em sua maioria, feitos artesanalmente. A sussa faz parte da tradição e da identidade kalunga, presente nos momentos de festejos, rezas, folias etc. Reúne familiares, amigos e festeiros, que durante gerações, têm vivido e reinventado essa tradição quilombola.

Apesar da proximidade ou das semelhanças da sussa presente no território kalunga e outros territórios quilombolas (nordeste de Goiás e sudeste tocantinense), esta manifestação cultural apresenta um repertório com os modos de tocar, cantar e dançar típico de cada comunidade local. A sussa também deve ser compreendida como símbolo de resistência e identidade.

Imagem 3: Sussa na Feira Coberta de Cavalcante – GO.



Fonte: registro da pesquisadora (2020).

Na realização da sussa, homens e mulheres dançam rodopiando, com os pés calçados ou descalços, ao ritmo do batuque dos instrumentos, contando com a participação de crianças, jovens, adultos e idosos.

Os instrumentos mais utilizados para tocar a sussa são: a bruaca, o tambor, a caixa, o pandeiro e a viola ou violão, as palmas que também complementam o

batuque desejado. Esses instrumentos são os principais, sendo construídos ainda hoje na própria comunidade.

Imagem 4: Instrumentos da sussa – caixa, bruaca e pandeiro



Fonte: registro da pesquisadora (2022).

A bruaca é um caixote feito de couro de boi parecido com um baú, com alças para facilitar no transporte de alimentos. Normalmente são as mulheres que batem na bruaca para fazer o entoado da sussa. Os homens batem a caixa que é feita de madeira e couro de animal, além de tocar a viola e os pandeiros.

Imagem 5: Sussa em ação do Ministério Público de Goiás.



Fonte: Arquivo do Ministério Público de Goiás (2018).

Ao observar o balanceado de várias mulheres kalunga na sussa, percebemos que o som dos instrumentos, os versos cantados e as palmas conduzem o movimento corporal da dança, do girar em círculos, demonstrando alegria e força no sapateado.

A seguir, apresentamos os versos das músicas da sussa do Vão de Almas, que contam histórias de plantios e de colheitas, pedido de chuva, a vida dos antepassados e momentos da atualidade na comunidade, entre outras significações que se transformam em diversão.

O Rei e a Rainha

Lá vem o Rei e a Rainha,
O Rei é seu a Rainha é minha, (Bis)
A Rainha é de ouro é de ouro só,
O Rei é de ouro é de ouro só (Bis).
(BIS)

A Saia

Arriba a saia muié
Não deixe a saia moía
A saia custô dinheiro
Dinheiro custô ganhar, (Bis)
Cadê a saia muié
Que seu marido te deu
de avoar.
(BIS)

A Moça e o Jacaré

Jacaré tava chocando debaixo da
sambambaia,
Eu quero conversar com a moça
Mas a véia me atrapalha.
Quero beijar mais a moça
Mas a véia me atrapalha.
Quero conversar com a moça

Deu a saia não deu a blusa pegou a
saia e vendeu. (Bis)

Menina Solta o Cabelo

Menina solta os cabelos
Deixa os cabelos avoar, (Bis)
Ô menina solta os cabelos
Deixa os cabelos avoar, (Bis)

Palha de Cana

É hoje é hoje que a paia da cana voa,
É hoje é hoje que ela tem

Mas a véia me atrapalha.
(BIS)

Boi Sinhá

Chove chuva hoje
Pra meu boi beber, pra nascer capim
morena pra meu boi comer,
Boi boi, boi sinhá. (Bis)

Chuva Choveu

Barra do dia iaiá,
 Lá vem a chuva sinhá,
 Lá vem a chuva sinhá, não deixa eu
 moiá,
 Não deixa eu moiá meu corpo está
 gelado
 Eu quero me esquentar é com você ao
 meu lado.
 Chuva choveu goteira pingou,
 pergunta Papuda se o papo molhou,
 Molhou, molhou, molhou muito bem
 Molhou foi o seu/meu não é de
 ninguém.
 (BIS)

Boi Bai

A vaca berra boi bai
 Menino chora, boibai,
 Pegou no colo, boi bai,
 Sentou na rede, boi bai,
 Balanceou boi bai
 Pra lá e pra cá, boi bai...
 Moça de hoje boi bai, namorar sem
 conhecer boi bai.
 (BIS)

Formiga que Dói

A formiga que dói é a jiquitaia,
 Ela morde no pé e embaixo da saia,
 A que morde e que dói é jiquitaia,
 Ela morde no pé e embaixo da saia.
 (BIS)

Canoeiro

Canoeiro, canoeiro o quê que trouxe
 na canoa?
 Trouxe ouro, trouxe prata, trouxe muita
 coisa boa
 (BIS)

Areia do Mar

Eu vou cessar, areia no mar, (Bis)
 Ô lêlê vou cessar, areia no mar, (Bis)
 Eu vou cessar, areia no mar, (Bis)
 No mar tem areia, no mar tem areia,
 no mar tem areia, lá no mar tem areia.
 Eu vou cessar, areia no mar,
 Ô lêlê vou cessar, areia no mar,
 Eu vou cessar, areia no mar.
 (BIS)

Eu Vi Cancão

Eu vi canção, na fulô do mamão
 Ô lêlê vi canção, na fulô do mamão
 Eu vi canção, na fulô de mamão.
 (BIS)

Balançou

Olelê balançou, balançou, balançou
 parou no ar,
 Olha que litrão de pinga todo mundo
 quer tomar;
 Olelê balançou, balançou na cabeça
 da mulher;
 Quem não dança quem não toma
 Olelê porquê não quer;

Olelê balançou, balançou, balançou
parou no ar;

Passa de uma pra outra, cuidado pra
não quebrar;

Olelê balançou, balançou, balançou na
sua cabeça;

Quem não dança quem não toma,
Olelê porquê é um besta;

Olelê balançou, balançou, não deixa
cair no chão;

Que a pinga é 51 derruba qualquer
peão

Olelê balançou, balançou, balançou
cuidado pra não cair;

Eu bebi da sua pinga, eu chilei
ninguém não viu;

Olelê balançou, balançou, balançou
parou no ar;

Olha que litrão de pinga todo mundo
quer tomar.

Olelê balançou, balançou, balançou na
sua cabeça;

Quem não dança quem não toma,
Olelê porquê é um besta;

Olelê balançou, balançou, balançou na
cabeça da Fiota

Quem não dança, quem não toma,
Olelê por que não gosta

Olelê balançou, balançou, balançou
parou no ar;

Olha que 51 todo mundo quer tomar.

(BIS)

Capim da Lagoa

Capim da lagoa já cresceu;

Amarelou veado comeu.

(BIS)

O Chamego da Menina

O chamego da menina é quente é
quente;

O chamego da menina é que mata a
gente.

É quente é quente é quente é quente,

O chamego da menina é que mata a
gente.

(BIS)

Toma lá benção

Toma lá benção de mamãe;

Toma lá benção de papai;

Toma lá benção de mamãe;

Toma lá benção.

Deus abençoa, Deus abençoa.

(BIS)

Pena do Baiano

Tenha pena do baiano ô que anda no
mundo a penar (Bis);

Tenha pena do baiano oiá;

Ele anda com a mala nas costas, ele
anda no mundo a penar, tenha pena
do baiano oiáíá.

Menina dança direito que te dou cinco
minréis, oiá, tenha pena do baiano;

Você dá um requebrado eu faço interar
dez, oiá, tenha pena do baiano;

Tenha pena do baiano quele anda no
mundo a penar.

Ele anda com a mala nas costas, ele
sai todo dia andando, tenha pena do
baiano.

Pau Pereira

Pau pereira, pau pereira é um pau de
opinião;

Todo pau cai a fulô, só o pau pereira
não.

(BIS)

Limoeiro

Baixa a rama limoeiro, deixa meu gado
passar;

Esse gado vem de longe ele vêi do
Ciará.

(BIS)

Cabritim

Cabritim berrou bé, berrou berrou
berrou bé

(BIS)

PRIQUITIM VERDE

Priquitim verde tá querendo voar

Os pezim tá no chão e as asinhas no
ar

Priquitim verde na beira do mar

Comendo folhinha e bebendo água
(bis)2x

BOI BAIANO

Você disse que vai embora

Fala meu boi baiano

Porque já disse que vou

Fala meu boi baiano

Aqui eu não sou querido

Fala meu boi baiano

Na minha terra eu sou

Fala meu boi baianou

Eu saí da minha terra

Fala meu boi baiano

Deixei meu povo chorando

Fala meu boi baiano

Saudade dos meus amigos

Fala meu boi baiano

Ainda estou recordando

Fala meu boi baianão

Menina dança direito

Fala meu boi baiano

Que eu lhe dou cinco mil reis

Fala meu boi baiano

Se fizer um requebrado

Fala meu boi baiano

Dou mais cinco interam os dez

Fala meu boi baianão

A moça pra ser bonita

Fala meu boi baiano

Não precisa usar pintura

Fala meu boi baiano

Chapéu preto na cabeça

Fala meu boi baiano

E uma fita na cintura

Fala meu boi baianão

Eu subi naquela serra

Fala meu boi baiano

Rolei pedra por capim

Fala meu boi baiano

A saudade é matadeira

Fala meu boi baiano

Rolou por cima de mim

Fala meu boi baianão

(Bis)

SABIÀ

Eu saí da minha terra, tô cantando
aqui agora

Eu quero agradecer, meu Deus e
Nossa Senhora

Eu vou sabiá

Sabiá eu vou

Você vai mais eu, vou

Eu vou sabiá, sabiá eu vou

Glória a Deus aqui na Terra, glória
Deus nas alturas

Glória Senhor Jesus Cristo, pai de
todas as criaturas

Eu vou sabiá

Sabiá eu vou

Você vai mais eu, vou

Eu vou sabiá, Sabiá eu vou

Minha mãe, Nossa Senhora, que dirige
meus pensamentos

Vós me deis felicidade, eu quero força
e talento

Eu vou sabiá

Sabiá eu vou

Você vai mais eu, vou

Eu vou sabiá, Sabiá eu vou

Eu vou sabiá

Sabiá eu vou

Eu queria escrever na água, como
escrevo na areia

Você vai mais eu, vou

Para escrever seu nome com o
sangue da minha veia

Eu vou sabiá, Sabiá eu vou (Bis)

Ao observarmos as músicas da Sussa aqui apresentadas, identificamos a relação dessa cultura com a origem do nosso povo, a contação de causos, a relação com a lida no campo, elementos de um passado mais distante ou mais próximo, que revelam traços da cultura e da história da comunidade.

Os versos da Sussa demonstram a luta diária dos Kalunga presentes nas palavras dos cânticos, que descrevem ou narram as histórias contadas pelos mais velhos. Por exemplo, temos o cântico que é realizado após as rezas: “toma lá benção de mamãe, toma lá benção de papai, Deus abençoa, Deus abençoa.” De acordo com os mais velhos, esse verso conta a história de vivência da comunidade, onde os filhos, netos, bisnetos e todos mais jovens pedem a benção aos mais velhos como um ato de respeito. Essa tradição vem se passando por muitos anos e permanece presente em nossa comunidade.

4.2 A Sussa como tradição e manifestação cultural a ser preservada

Nesse tópico, abordamos os aspectos construídos a partir da geração de dados da pesquisa, sendo as entrevistas um dos elementos mais importantes desse processo, conforme descrito na metodologia. Em meio às entrevistas, foi possível obter o ponto de vista dos anciãos e das anciãs, ou seja, o olhar dos mestres e das mestras do saber em relação à tradição da sussa.

Por meio das entrevistas e vivências em campo também foi possível verificar a percepção de alguns jovens (novas gerações) sobre as tradições da comunidade e seu interesse e envolvimento em relação à sussa.

Na comunidade, a dança da sussa permeia diversos espaços durante todo o ano. Começa no mês de janeiro, com a festa da Folia de Reis, desde a sua saída no dia primeiro, durante o giro até o arremate no dia seis.

Logo em seguida, no mês de fevereiro, a sussa também está presente na Reza de Nossa Senhora das Candeias. A candeia antigamente para a comunidade era um objeto feito de lata de óleo reaproveita. Para iluminar, se utilizava o pavio de algodão molhado ao óleo diesel, se tornando uma luminária. Esse era antigamente o único meio de iluminar as casas das famílias.

Dando seguimento aos momentos da sussa, esta acompanha o período de colheita dos alimentos, resultado das roças que constituem nossa própria subsistência. Isso ocorre durante os meses de março e abril.

No mês de maio, momento da Folia do Divino, a dança está presente no ensaio, no pouso e no arremate da folia. Em junho, temos a Folia de Santo Antônio na qual a sussa se encontra do mesmo modo, momento de celebração e agradecimento.

No mês de julho, ocorre o ensaio da Folia de Nossa Senhora das Neves, que tem seu arremate no início do mês de agosto. Logo em seguida, no Festejo de Nossa Senhora d'Abadia, a sussa aparece no levantamento do mastro (durante a noite) e em algumas ações feitas durante o festejo, sendo estas organizadas pelos próprios moradores.

Em setembro, já começam os pedidos pela chuva, pois é o momento mais seco do ano. Então, durante as rezas, a dança da sussa acompanha o louvor a Nossa Senhora do Livramento. Uma das canções de pedido por chuva tocada e cantada na sussa é: "Chove chuva hoje, pra meu boi beber, pra nascer capim morena, pra meu boi beber".

A Folia de Nossa Senhora de Aparecida, no mês de outubro, geralmente ocorre com o atendimento ao pedido de chuva. É um momento de muita diversão e preparação, planejamento para uma nova etapa dos plantios, ou seja, o ciclo agrícola kalunga. Novembro é o período de muito trabalho nas roças. O qual segundo Cunha ajuda na definição do calendário agrícola.

O calendário agrícola é definido por um contínuo conjunto cíclico de atividades de cultivo da cultura local e tradicional. Tomando o cultivo da mandioca como ponto de partida para a sua representação, esse calendário tem um histórico de resistência e sobrevivência que vem se adaptando ao longo dos tempos às novas exigências temporais. (CUNHA, 2018, p. 64).

Por fim, em dezembro, em comemoração à Santa Luzia, a sussa é apresentada com alegria e agradecimento por todas as coisas boas que

aconteceram durante o ano. Isso inclui a abertura para um novo ano cheio de graça e amor.

Nesse contexto, o calendário de organização das tradições kalunga vai muito além do cultivo ou das plantações, ele é composto por toda uma mistura dos saberes e fazeres que se caracterizam como a própria cultura da comunidade. (CUNHA, 2018).

É possível observar que a sussa é uma manifestação cultural, uma tradição que se encontra presente durante todo o ano. Ela está no dia a dia dos Kalunga, nas nossas vivências.

A seguir, apresentamos as respostas dos colaboradores às questões norteadoras: O que é a sussa? Com quem aprendeu a dançar e tocar a sussa? Em quais momentos ela acontece dentro da comunidade? O que significa os versos da sussa? Qual a importância da dança para os jovens da comunidade?

Entrevistada Eva de Souza Fernandes: A sussa é uma tradição da comunidade que nós gostamos dela. Desde pequena que eu gosto da sussa. Eu aprendi a dançar não [sei] nem assim alguém que me ensinou. Eu aprendi com a folia de Reis do novo ano, ela tem uma sussinha que bate e a gente gosta de dançar. Acorda meio doido de sono pra dançar, e com isso a gente foi aprendendo. Chegava nas festas também tinha, eu ia olhando e dançando. A tradição de sempre foi desde eu pequena. Na comunidade nossa nós gosta da sussa porque é muito boa pro divertimento.

Esse relato nos mostra o quanto a tradição está presente nos festejos, sendo muito mais que um modo de diversão, mas um saber compartilhado pelos mais velhos aos mais novos desde a infância. O uso da palavra “sussinha” nos revela o modo carinhoso, principalmente por parte das mulheres. Vemos que as crianças despertam o interesse ao ver os mais velhos dançando.

A aprendizagem espontânea da sussa nos aponta para os caminhos da educação quilombola. Uma forma de educar por meio dos valores da tradição e do respeito que se dá a esses valores.

A seguir, mais uma resposta de um dos colaboradores da pesquisa:

Entrevistado A: A sussa antigamente era sempre depois da tradição religiosa, era depois que terminava de rezar na frente do altar das imagens dos Santos, aí que fazia a sussa. Porque ali tinha que ter a benção de Deus. Os mais véi dançava pra ter essa benção de Deus. E assim depois que ia fazer fora do Altar. A benção de Deus era:

“ Toma lá benção de papai

Toma lá benção de Mamãe
Deus abençoa, Deus abençoa”

E aí repitia três vez. Hoje em dia a sussa não é mais do jeito de antigamento não, sempre tem a dança, mas quando faz uma reza, termina de rezar, os mais novo prefere o forrozim e isquece a tradição nossa, que não pudemos ser deixada. E aí já vai logo pro forró e deixa a sussa. Isso não pode deixar não. Purquê nós ver que muita coisa já mudou do tempo que nós era menino pros tempos de hoje. Mais eu credito muito na vontade de nós, que assim ela ainda é boa na comunidade de nós. Não vamos deixar essa tradição de cultura nossa morrer não, minha fia, não deixa ser isquicida não.

Para o entrevistado A, a sussa sempre esteve presente na comunidade, ao iniciar pela benção de Deus, que na crença da comunidade receber esta bênção é essencial para todos terem saúde e paz. Os moradores pedem a benção por meio dos versos citados pelo entrevistado, reafirmando a fé deles.

O entrevistado traz também um olhar voltado para a falta de interesse de alguns jovens em manter a sussa como era antes. Para ele, muitos preferem o forró em vez da sussa.

Por outro lado, “é possível que, diante das mudanças de valores e do desenvolvimento das novas tecnologias, o interesse por esses costumes dos antigos esteja sendo redirecionado.” (AVELAR FILHO, 2014, p. 105). Isso quer dizer que mesmo diante das mudanças de nossos tempos, não é preciso que ocorra a exclusão de nenhum dos conhecimentos, mas sim a interação entre eles. Algo que deve ser percebido pelos jovens e que tem sido realizado pela educação do campo.

Dessa forma, ainda que se perceba o distanciamento de alguns jovens, a sussa é uma manifestação cultural de suma importância para existência e resistência da comunidade.

Entrevistado B: A sussa na Comunidade Vão de Almas, ela é muito importante porque ela é que representa nossa luta, nossa força, nossa diversão e nossa cultura. A sussa é a dança de tradição dos nossos povos antigos, muito forte no nosso dia a dia. Porque ela aparece sempre nas saídas de folias, nos arremato das folias, nos pousos, nas rezas e nas festas da comunidade.

Segundo o entrevistado B, a sussa é uma das manifestações culturais de grande importância, pois se apresenta como um elemento de resistência dos moradores. Ela está sempre presente nas manifestações religiosas, como nas folias, nas rezas e demais festas da comunidade.

De acordo com Avelar Filho (2014, p. 53), “assim é preciso lembrar, reviver, com as imagens e idéias de hoje, as experiências do passado, fazendo da memória um trabalho de reconstrução da identidade local”.

Vale refletir sobre o relato a seguir, que nos mostra a relevância do fortalecimento da sussa enquanto tradição.

Entrevistado José Pereira das Virgens: Eu aprendi tocar a sanfona desde meus 16 anos, por causa que aqui na nossa comunidade, é, a gente desde pequeno via os mais véi tocando o império, os acompanhamentos das fogueiras, tocando a sussa né. Aí eu fui colocando aquilo na cabeça, que veio dos antepassados, do meu pai, meus avôs, dos povos mais véi e aí eu fui tentando e influí naquilo e fui aprendendo. E hoje, a sanfona serve pra nós aqui tocar o império, a sussa e fazer mais coisa importante na nossa tradição que nós vamos mantendo com aquela vontade que não acaba, né. Nos festejos da capela que nós sempre vamu todo ano, eu sinto que poderia, assim que nós achar uma capacidade que as condições mostrar mais reforços para nós está tocando a sussa diretamente para nunca acabar. A gente acharia bom porque é uma coisa da nossa cultura que nós já nascemos e foi criado vendo nas festas boca de noite, nas folias e nos festejos. Antigamente na sussa não tinha a sanfona, era só a caixa, a buraca e o violão que era feito de buriti e linha de anzol que chamava de bandurra, mas hoje já tem a viola e o violão que compra na cidade. Então só quando eu tinha 16 anos que eu aprendi a tocar sanfona que eu vi entrar esses instrumentos na sussa. Minha primeira sanfona era uma pequeninha, a oito baixo que meu pai me deu. E aí depois que eu aprendi nela eu consegui a 80 baixo em troca de serviço de roça. Depois aconteceu que a sanfona acabou e fiquei com a emoção de tocar sanfona na sussa e nos festejos, porque a sussa com sanfona é mais alegre e bonita, mas Deus me ajudou e eu consegui comprar outra Sanfona que toco sussa e outras coisas até hoje com meus 56 anos.

Para o Senhor José Pereira, a sussa é uma tradição que está nas raízes desde os antepassados. Ele ressalta que a valorização desta tradição pode realçar e fortalecer a nossa história. O mestre susseiro também faz um destaque sobre a busca por mais incentivos e melhorias para que possamos cada vez mais prosseguir com as manifestações culturais do território kalunga.

Vale mencionar que a maioria dos instrumentos são confeccionados pelos próprios moradores da comunidade, como mencionou o entrevistado. A bandurra, instrumento que foi substituído posteriormente pela viola e violão, a caixa, a buraca entre outros. Podemos observar que há um elemento de mudança considerado positivo pelo senhor José Pereira, que é justamente a presença da sanfona, vista como um instrumento de suma importância no acompanhamento dos versos da sussa.

Outro ponto a ser considerado diante da observação feita pelo mestre José Pereira: “eu sinto que poderia, assim que nós achar uma capacidade que as condições mostrar mais reforços para nós está tocando a sussa diretamente para nunca acabar”. Isso revela a necessidade de mais políticas públicas, projetos que possam atuar na valorização da cultura, projetos culturais vinculados à escola, que possam atender às necessidades de uma educação ligada à vida da comunidade e que garanta a continuidade da sua identidade.

Entrevistado Joventino Cesário de Torres: a sussa pra mim é tradição, é coisa de raiz, é uma coisa que eu já tô aqui com meus quarenta e tantos anos, aí quando eu tive entendimento eu já via os povos mais velho praticando isso e achei bonito e continuei também ajudando. É coisa bom demais. Antigamente a gente não tinha instrumento, não tinha caixa, a gente achava um pedaço de cumbuca, purquê naquele tempo nem balde não existia, se tivesse não deixava bater pra não quebrar. Era o jeito bater sussa na cumbuca e na bandurra de buriti, e o pau quebrava, era muito animado. Tinha vez que a gente reunia fazia sussa disse que era pedido pra chuva chover e a fé da gente era tão grande que Deus mandava a chuva. Tinha vez que tava de sol e acabava chovendo. Então é uma tradição que a gente tem muito boa, não faz mal, é alegria. Quem não sabe dançar mas pelo menos tá prestigiano, tá vendo e pra gente é bom demais ver a família reunida na diversão.

Para o senhor Joventino Cesário de Torres, antigamente mesmo com a dificuldade de ter os instrumentos musicais, a sussa não deixava de ser realizada pelas famílias. Os próprios moradores produziam os instrumentos de maneira artesanal. Em seu relato, a sussa está enraizada, presente nos costumes dos moradores.

Observamos também a relação da sussa com a crença religiosa: “Tinha vez que a gente reunia fazia sussa disse que era pedido pra chuva chover e a fé da gente era tão grande que Deus mandava a chuva, tinha vez que tava de sol e acabava chovendo. Então é uma tradição que a gente tem, muito boa, não faz mal, é alegria”. A sabedoria tradicional, a fé e tradição juntas na manifestação cultural da sussa.

Abaixo, apresentamos mais um relato de um dos colaboradores da pesquisa:

Entrevistado C: A sussa além de ser importante, a gente não deveria deixar acabar. Poderia ver se os mais novos vão aprendendo também um pouquinho. Muitos não têm interesse, mas outros têm. Pra sempre ficar aquela raiz segura ali pra não acabar. Porque é a tradição. Daqui uns tempos se a gente não for ensinando os mais novo e os mais novos não for botando assunto pra aprender, aí vai acabar e pra gente não é bom, porque as coisas que nós temo natural daqui da comunidade, da roça, a gente tem

que permanecer elas. Porque é as coisas que nós aprendemos e fomos criados . Nossos antepassados também nós vimos falando que foi criados assim. Então a gente tem que permanecer essas coisas pra poder a gente sempre lembrar do que passou, sempre lembrar do que foi falado e ensinado. É muito bom se os novo aprender porque os novo agora não quer mais dar valor na cultura antiga. Mas tem um bocado que às vezes ainda cresce a mentalidade de não deixar acabar.

Temos mais um relato da sussa como uma das manifestações culturais constituinte da identidade kalunga. O entrevistado ressalta a importância de se passar os saberes adquiridos dos ancestrais para a juventude para que esta tradição não caia no esquecimento. Ele também destaca o desinteresse de alguns jovens que não têm se interessado pela sussa. Por outro lado, é perceptível a demonstração de que existem jovens interessados. Para ele, é preciso reforçar o incentivo de manter a tradição como patrimônio histórico e cultural.

Os mais velhos têm um papel fundamental nesse incentivo, em passar os conhecimentos tradicionais aos jovens, assim como aprenderam com os antepassados.

Entrevistado D: Os versos simbolizam a alegria. O pular, o rodopiar e o dançar da sussa se alegra através dos versos cantados. Muitos desses versos falam do encanto da mulher, da felicidade dos povos camponeses ao chegarem a época da chuva, alguns são mais lentos outros mais rápidos. Falando das chuvas, das águas, e de pedidos de crenças. Os versos mais rápidos falam da afeição das mulheres e meninas, ou de picadas de formigas com a sensação rapidez ou queimação. O ritmo rápido e lento de dançar a sussa surge a partir dos versos e do modo de tocar os instrumentos. São os versos e o som dos instrumentos que dão sentido aos passos lentos ou rápidos. Onde alguns dos anciãos que dançam, optam por dançar lento, mesmo com os versos agitados. Já a alegria dos passos mais rápidos deve partir dos mais novos, por causa até mesmo da saúde física.

Esse relato é de um dos entrevistados mais jovem. Podemos observar o olhar de a sussa é uma manifestação cultural que envolve toda comunidade e também pessoas de outros lugares que tenham interesse em participar. Demonstrar os vários ritmos, versos e formas de se dançar a sussa, a riqueza desta manifestação cultural presente nos festejos, rezas, folias e agradecimentos aos santos padroeiros.

De forma geral, os colaboradores da pesquisa afirmam que os versos cantados e dançados na sussa carregam em si a identidade kalunga. Esses momentos de confraternização e de fé (pedido e agradecimento aos santos) são repletos de simbologia, por exemplo: a garrafa na cabeça no momento da dança que representa a luta histórica do nosso povo, ao atravessar um rio na busca de alimento

ou na rotina de carregar água para o consumo da família. Lutamos o tempo todo e resistimos a todas as dificuldades.

Como podemos observar os colaboradores dessa pesquisa são membros da comunidade, com um conhecimento riquíssimo sobre a tradição da sussa e são pessoas que têm uma história de luta e resistência que precisa ser valorizada cada dia a mais.

Ao ouvir cada colaborador dessa pesquisa, percebemos que os mesmos buscam em sua memória a reflexão da prática compreendendo a importância da tradição para a identidade, por meio da fala e explicações sobre a sussa.

O ensinamento da dança ou do canto da sussa torna-se uma experiência de ensino-aprendizagem espontânea por meio dos rituais, danças, cânticos, rezas e festejos. Dessa maneira, os sentidos atribuídos à aprendizagem da sussa da comunidade, faz parte da representação que compõe o acervo da cultura local.

A idéia de populações tradicionais está essencialmente ligada à manutenção de valores, tradições, cultura e sua relação com os ecossistemas naturais. Ao longo da história, os seres humanos por meios de suas múltiplas experiências, têm alcançado importantes conquistas que o fazem avançar, principalmente nos aspectos materiais de existência. Mas, a velocidade das mudanças, a rapidez imprimida pelo consumismo tem crescido em ritmo acelerado, tornando obrigatória a retomada, construção e consolidação de certos valores que apenas são conservados por populações tradicionais. (SILVA, 2007, p. 08).

Há, portanto, uma grande preocupação dos anciãos e das anciãs dessa comunidade em preservarem a cultura da Sussa e demais manifestações, pois é visto que os saberes populares devem ser repassados para os mais jovens e que esses jovens devem cultivá-los com garra para que não percam a suas raízes e identidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, buscamos/busquei destacar o significado da valorização dos saberes e fazeres tradicionais vivenciados na manifestação cultural da sussa kalunga. Buscando mostrar a importância do processo do cultivo desses saberes apresentados pelos colaboradores, tendo como base a pesquisa de campo por meio de diálogos e o compartilhamento de aprendizagens dessa vivência.

Ao iniciar o curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins no ano de 2017, comecei a ter o interesse em pesquisar sobre elementos que fortalecem o envolvimento dos jovens com os saberes e fazeres tradicionais do povo kalunga, em especial, da Comunidade Vão de Almas.

Além disso, desde muito cedo, eu participo das apresentações da sussa dentro da comunidade, canto, bato a bruaca e danço. Pude, então, refletir e perceber o quanto se faz importante a ampliação do olhar sobre as práticas tradicionais e culturais que sempre fizeram parte do meu convívio social. Percebo ainda mais o quanto essas práticas devem ser respeitadas, reconhecidas e valorizadas por nós Kalunga e por aqueles que, de certo modo, têm tido acesso a tais manifestações culturais.

Dessa maneira, a presente pesquisa possibilitou a ampliação da minha percepção sobre a responsabilidade que têm as novas gerações em fortalecer e preservar as tradições kalunga. Participar da dança sussa dentro da minha comunidade ou fora dela é manter dentro de mim uma memória viva que reafirma a minha identidade kalunga, possibilitando uma reflexão sobre a minha convivência como acadêmica e membro da comunidade, assim como a importância da ancestralidade a qual fortalece e assegura a identidade.

Por fim, essa pesquisa buscou contribuir com registros escritos da presença dos saberes populares presentes na sussa da Comunidade Kalunga do Vão de Almas. Cada música da sussa aqui compartilhada cumpre a missão não só do registro e valorização, mas também do enfrentamento e apontamento da construção de políticas públicas que de fato atendam às necessidades das populações tradicionais, sobretudo no que diz respeito à educação.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO QUILOMBO KALUNGA (AQK). **Estatuto e Regimento Interno da Associação Quilombo Kalunga**. Cavalcante, Goiás, 2019.
- AVELAR FILHO, João Nunes. **O Antigo e Atual nos Níveis Linguísticos e Ritualísticos nas Rezas da Folia da Roça de Formosa (GO)**. Uma visão Ecolinguística. UFG. Goiânia. 2014.
- BARROS, José D' Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris, 1945- **O Professor Pesquisador: Introdução a Pesquisa Qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas** /. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. Coleção Por Uma Educação do Campo, n. 4.
- CALDART, R. S. et al. **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo kalunga**. 1 ed. UNB. Brasília: Monografia, 2013.
- CUNHA, Adão Fernandes da. **O Calendário Agrícola na Comunidade Kalunga Vão de Almas: uma proposição a partir das práticas de manejo da mandioca**. Brasília-DF, 2018, 157 p. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GONÇALVES, Alicia Ferreira. **Sobre o Conceito de Cultura Na Antropologia**. Ed. Recife: Cadernos de Estudos Sociais, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social**. In _ Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/ Deslandes; Neto; Gomes, (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Fundamental. **Uma História do Povo Kalunga**. MEC; SEF, Brasília, 2001.
- OLIVEIRA, Denise da Silva de. **O PAPEL DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: DIÁLOGOS ENTRE POSSIBILIDADES DE LEITURA**. Dissertação. Londrina. 2015.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241. Disponível em:

<file:///C:/Users/usuario/Downloads/113972-Texto%20do%20artigo-265725-1-10-20170829.pdf>. Acesso em: 30/05/2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. ver. Cortez. São Paulo,2007.

SILVA, José Bittencourt. **Elementos Para a Construção Do Sentido e o Significado Do Conceito De População Tradicional**. Universidade Federal do Pará. Artigo 1. Pará, 2007.

TARDIN, José Maria. **Cultura Camponesa**. In_ Dicionário da Educação do Campo. 2 ed. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

Local da Entrevista: Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas

Data:

Horário:

TEMA: SABERES POPULARES PRESENTES NA TRADIÇÃO DA SUSSA NA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS

1. O que é sussa?
2. Com quem aprendeu a dançar e tocar a sussa?
3. Em quais momentos a sussa acontece dentro da comunidade?
4. O que significa os versos da sussa?
5. Qual a importância da tradição para os jovens da comunidade?

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Solicito do/a senhor/a, _____, a colaboração com a presente pesquisa intitulada _____, de responsabilidade de _____, aluno/a de graduação do curso Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação: Artes Visuais e Música, da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias, sob a orientação do Professor/a. _____.

O objetivo desta pesquisa _____.

Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com este estudo. O/A senhor/a receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização do trabalho, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, resultantes das entrevistas, ficarão sob guarda da Universidade Federal do Tocantins/Campus Arraias. A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas (semiestruturadas) e observação participante. É para estes procedimentos que o/s senhor/a está sendo convidado a participar/colaborar. Sua participação/colaboração na pesquisa não implica nenhum risco. Espera-se com esta pesquisa avançar nos estudos sobre _____.

Nós garantimos que os resultados do estudo estarão a sua disposição quando finalizada a pesquisa. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. O/A senhor/a é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se o/a senhor/a tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá contatar a instituição a qual pertença como aluno/a de graduação - telefone 63 _____. O projeto desta pesquisa foi revisado e aprovado pelo/ professor/a orientador/a na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I. As informações com relação à assinatura deste documento (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) podem ser obtidos através do e-mail do orientador: gilbertopaulino@uft.edu.br. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com os pesquisadores responsáveis pela pesquisa (orientador/a e orientando/a) e a outra com o/a senhor/a.

Assinatura do/a colaborador/a orientando/a

Assinatura do/a orientador/a

Assinatura do/a

Arraias - TO, ____ de _____ de 2022